



GÊNERO E AGRICULTURA: RELATO DA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE OFERTA DE UNIDADE CURRICULAR¹

LIMA, Josélia Barroso Queiroz²; LOVO, Ivana Cristina³; SULZBACHER, Aline Weber⁴

^{2,3,4} Professoras Doutoradas na Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais, e-mails: joseliabqlima@gmail.com ; ivana.lovo@ufvjm.edu.br ; aline.weber@ufvjm.edu.br

RESUMO

Apresentamos relato de experiência vinculado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais (PPGER), nível de mestrado, por meio da oferta da unidade curricular eletiva “Gênero e Agricultura”. Esta experiência envolveu as áreas das ciências Humanas (Geografia e Psicologia Social) e da Natureza (Biologia) a partir das trajetórias sociais, profissionais e formativas de três mulheres, na condição de docentes universitárias que, aproximando-se por afinidades com a temática, se desafiaram no objetivo de fomentar reflexões ético/políticas que pudessem articular o debate entre as relações sociais de gênero no contexto do campo e da agricultura, incluindo o foco agroecológico, situando-o a partir de uma atualização teórica, sintonizada com as experiências dos estudantes envolvidos.

Palavras-chave: Ensino superior; Feminismo; Agroecologia; Educação

O ENCONTRO DE TRÊS MULHERES DOCENTES, UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO...

Sou a primeira mulher da minha linhagem a ter liberdade de escolha/ a construir o futuro como bem entender/ dizer o que vier à minha mente quando eu quiser/ sem ouvir barulho do chicote/ são centenas de primeiras vezes pelas quais sou grata/ cenas que minha mãe e a mãe dela e a mãe dela não tiveram o privilégio de viver [...]

Fragmento de poema de Rupi Kaur

Nesse artigo refletimos e sistematizamos o processo de construção da unidade curricular eletiva *Gênero e Agricultura* (15 créditos, presencial), vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais (PPGER), nível de mestrado, ofertada no semestre letivo de 2018/1. Esta experiência envolveu as áreas das ciências Humanas (Geografia e Psicologia Social) e da Natureza (Biologia) a partir das trajetórias sociais, profissionais e formativas de três mulheres na condição de docentes universitárias. Aproximando-se por afinidades com a temática Gênero e Agricultura, as estudantes se desafiaram, objetivando fomentar reflexões ético/políticas que pudessem articular o debate entre as relações sociais de gênero no contexto do campo e da agricultura, incluindo o foco agroecológico, situando-o a partir de uma atualização teórica, sintonizada com as experiências dos estudantes envolvidos. Ao relatar o processo de construção da UC, objetivamos colocar em análise as relações ético-políticas que permeiam a discussão das questões de gênero e agricultura, e problematizar sobre a relevância do tema, não apenas no interior de um curso de Mestrado, mas no processo de educação e de socialização de saberes e de promoção de valores que desnaturalizem os modos de pensar e de fazer que nos constituem como sociedade patriarcal, colonial, sexista e capitalista.

O encontro das três docentes, num primeiro momento, deu-se pela aproximação da composição do



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

corpo docente permanente do PPGER. Ao estruturar o Programa e as UCs, propusemos a temática gênero e agricultura, dentro da linha de pesquisa: *Configurações do Rural, Política e Meio Ambiente*. Nossas trajetórias acadêmicas na UFVJM se davam em diferentes áreas de saber e em diferentes cursos, e não traziam um acúmulo de estudo em torno da temática, não obstante, enquanto mulheres, docentes e profissionais que cada vez mais nos debruçávamos sobre o espaço rural e suas questões, ao mesmo tempo em que nos apropriávamos dos saberes, fazeres e valores que marcam os Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nos indicavam a relevância do tema. Por outro lado, a postura crítica sobre o fazer científico e sua função social, nos exigia o cuidado com a escolha dos textos, dos autores e das linguagens a serem usadas no decorrer do processo. Se nós sabíamos, em processo formativo, sobre as discussões de gênero, também, como mulheres, com trajetórias formativas e com experiências a serem partilhadas e debatidas de modo a provocar outro olhar sobre o fazer, pensar e produzir ciência, que dialogasse com os nossos corpos, desejos e valores. Nesse sentido, entendíamos que os encontros a serem produzidos com os discentes matriculados na UC deveriam produzir a desnaturalização do pensamento positivista, numa epistemologia que reconhecesse os diversos e divergentes saberes que perpassam os sujeitos sociais: nós e eles, eles e nós.

Apresentamos a experiência, incluindo algumas reflexões, iniciando pela metodologia (como fomos conduzindo o processo) e, em seguida, discutimos algumas perspectivas abordadas.

METODOLOGIA: O DESENHO DO CAMINHO E OS HORIZONTES

Iniciamos o desenho do caminho com um encontro, regado a café e a conversa, para que pudéssemos nos conhecer, nos dizer, dialogar sobre como, porque e para que queríamos desenvolver os conteúdos curriculares em torno da temática de Gênero e Agricultura. Este processo nos fez entender que, embora havendo normativas institucionais sobre a aula na pós-graduação, o tema nos convidava a repensar nossas práticas, concepções e princípios sobre o fazer pedagógico, sobretudo em sua dimensão política. Assim, definimos que as aulas deveriam ser desenvolvidas em forma de encontros, nos quais partilharíamos saber e sabor, poesia e ciência, imagens e memórias, a fim de colocar a própria relação do pensar como um espaço fundamental de encontro e de troca, em que os silêncios históricos pudessem ser movimentados, talvez rompidos.

Traçamos, assim, alguns princípios éticos, políticos e teóricos que nos envolveriam em todo o percurso da unidade curricular: a horizontalidade das relações (das falas, dos gestos, das provocações), o que implicaria em nos colocar no processo educativo lado a lado na organização do espaço, na construção das reflexões, na densidade de conteúdos/vivências que cada sujeito aporta, no exercício do respeito e do cuidado; o movimento dialético entre as vivências individuais e coletivas, buscando sempre problematizar as múltiplas relações que tecem a sociedade, que naturalizam determinadas normas e comportamentos sendo estes incorporados (BOURDIEU, 2018), objetiva e subjetivamente, por fim, transitar entre reflexões teóricas coletivas, fomentando estranhamentos individuais direcionadas para ações práticas concretas no âmbito da



realidade universitária; o cuidado para que o fazer pedagógico assumisse sua dimensão política, evitando incorrer no pragmatismo individualista ou em um universalismo absolutista; e, por fim, assumimos o desafio de que os encontros seriam abertos ao público e, sobretudo, que haveria uma abertura nos conteúdos, temas e referências, de modo que o caminhar pudesse ser ajustado às conjunturas e/ou ao ritmo que o grupo vinha se movimentando.

Importa situar que partilhamos a compreensão de que vivemos numa sociedade hierarquizadora, patriarcal, com fortes marcas coloniais e escravagistas. Então, ocupando o lugar social de professoras universitárias no Vale do Jequitinhonha, onde tais memórias sociais encontram-se naturalizadas, tínhamos duplo desafio - produzir problematização sobre os processos socializadores - não apenas da cultura social mais ampla, mas também a universitária. Pois no espaço da universidade a hierarquização e o poder masculino, pautam a concepção positivista da ciência (LIMA, 2017). Problematizar o modelo positivista de ciência, as relações de poder que atravessam o fazer acadêmico, e reconfigurar o modo de produzir o conhecimento, implicava reconhecer como, no Vale do Jequitinhonha, saberes foram silenciados, e como formas de resistência se manifestavam (e se manifestam na diversidade cultural dos povos que compõem os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri).

Assim, escolhemos construir um fazer educacional no qual cada encontro deveria provocar reflexões e discussões, construindo teia de significações que pudessem desnaturalizar as aprendizagens tornadas senso comum. Para tal, buscamos articular diferentes linguagens que provocassem e problematizassem os processos socializadores nos quais e pelos quais as aprendizagens do ser mulher, do ser homem, foram significadas. E, neste sentido, um dos caminhos foi explicitar/compartilhar os estranhamentos das docentes, buscando construir para um ambiente de confiança, para as reflexões e experiências do coletivo. Dessa forma, a condução pedagógica integrou estudos e reflexões a partir da seleção e indicação de textos (artigos e livros), filmes e documentários, incorporando a elaboração de trabalhos, a realização de místicas¹, intervenções artístico-pedagógicas², aulas públicas e organização de mesa de debate durante a VI Semana de Integração Ensino Pesquisa e Extensão da UFVJM (SINTEGRA).

Como estratégia pedagógica para condução dos trabalhos, buscou-se desenhar o perfil do grupo, considerando as/os discentes e as docentes, incluindo suas origens, as condições do desenvolvimento da pesquisa de mestrado, assim como a vida profissional e as expectativas com a temática a ser desenvolvida. O grupo participante da unidade curricular foi constituído por nove estudantes regularmente matriculados, sendo três do sexo masculino e seis do feminino, além de outros participantes eventuais (considerando

¹ Bogo (2012), ao discutir o verbete Mística, sugere três possibilidades a partir da religião, das ciências políticas e pelos movimentos populares, sendo para estes “[...] a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao *topos*, a parte realizável da utopia” e prossegue “[...] A mística é o ânimo para enfrentar as dificuldades e sustentar a solidariedade entre aqueles que lutam” (BOGO, 2012, p. 477/478).

² Iniciamos alguns encontros com performance que provocavam os participantes a se movimentar, a incluir-se no enredo. Embora sem formação no campo artístico, aventuramo-nos no desafio de provocar o estranhamento no outro, pelo estranhamento do nosso cotidiano tradicional do lugar docente.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

perspectiva de que os encontros eram abertos³). De modo geral, os estudantes tinham vínculos profissionais bem diversos, incluindo servidores públicos (professores da educação básica ou outros cargos técnicos), assessores técnicos (seja de ONGs, empresas, ou movimentos sociais) e pessoas sem vínculo profissional (recém-graduadas). A minoria do grupo já havia trabalhado com a temática, e duas mestrandas apresentaram o objetivo de focar as relações de gênero em suas pesquisas de mestrado. Entre as professoras, dentre as afinidades que as aproximaram foi o interesse nos estudos sobre as desigualdades de gênero, trazidas de experiências de trabalhos ou estudos anteriores a entrarem na universidade.

O plano de estudos se configurou a partir de uma proposta inicial apresentada pelas docentes, que foi sendo dialogada e ajustada ao longo do desenvolvimento dos estudos e trabalhos práticos, incorporando sugestões dos participantes e ou questões da conjuntura. Foram planejados quinze encontros de quatro horas, sendo dois deles em formato de “aulas públicas” e um como mesa de debate durante a VI Sintegra. Três místicas foram planejadas para introduzir e problematizar temáticas a serem debatidas; outras duas, intervenções pedagógicas foram planejadas e realizadas durante a VI Sintegra, uma delas em parceria com movimentos agroecológicos que estiveram participando da referida Semana. A ludicidade nas aulas foi mantida com leituras de poemas que abriam e/ou finalizaram os debates do dia, com destaque para os poemas de Eduardo Galeano, como por exemplo, o poema Amor do livro Mulheres (GALEANO, 2015).

Atendendo as normativas institucionais, os processos avaliativos perpassaram a escrita acadêmica a partir da realização de resenhas, da pesquisa, da redação biográfica e de uma redação final a partir de releituras sobre o projeto de pesquisa. Em especial, a pesquisa e redação biográfica tinham por intuito incentivar os estudantes a visitar, conhecer e dialogar com mulheres rurais e ou urbanas da região dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri e Rio Doce, por meio de entrevistas semiestruturadas ou de observação participante que possibilitaram olhar, ter escuta ativa e o registro de informações sobre o cotidiano e a vida de algumas mulheres desses Vales. Estas vidas que representam a vida de agricultoras, artesãs, benzedeiros e servidoras públicas. Por sua vez, a releitura sobre o projeto de pesquisa e do sujeito pesquisador/a foi uma estratégia pedagógica para que os estudantes se sentissem motivados e mobilizados a realizarem o exercício da reflexividade, do registro dos estranhamentos etc.

A partir das leituras realizadas e das narrativas elaboradas pelos/as discentes e docentes foi possível realizar uma análise do discurso e evidenciar categorias sociais que reforçam, de forma explícita ou implicitamente, as atitudes patriarcais e as desigualdades nas relações de gênero, assim como foi possível evidenciar sujeitos e categorias que buscam enfrentar as desigualdades de gêneros marcadas pelo patriarcado.

Por fim, invertendo a lógica, usamos a ementa da unidade curricular como um horizonte, ou seja, como rol de possibilidades abertas. Por isso, ao final, contemplamos os conteúdos previstos que perpassavam

³ Realizamos como parte da programação da V Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (25 a 27 abril de 2018), uma aula pública no Museu do Diamante, no centro da cidade de Diamantina, com a presença de 30 pessoas. A aula pública seguiu a mesma dinâmica e princípios tendo por tema “Relações sociais de gênero e reforma agrária popular”.



por temas como a agricultura familiar e a divisão sexual do trabalho; as desigualdades, herança e identidades de gênero entre agricultores familiares; o lugar da mulher nos espaços de decisão nas comunidades rurais; as organizações de mulheres rurais e as mulheres no sindicalismo rural; as mulheres e as transformações no campo; e o empoderamento feminino e as políticas públicas agrárias. Esses e outros temas foram discutidos a partir das contribuições do grupo e, também, de autores como Michel Foucault (1983), Simone de Beauvoir (2016), Silvia Federici (2017), Pierre Bourdieu (1996), Corso (2016) e Nalu Faria e Miriam Nobre (1997), Carmen Deere (2004), Marcia Tiburi (2018), Emma Siliprandi (2009 e 2015) e Elisabeth Cardoso et. all (2014).

Os conteúdos do caminhar

A abertura da unidade curricular foi realizada com a mística regada pela letra da música *Senhor Cidadão*, de Tom Zé (1972). Essa mística inicial já revelou as simbologias relacionadas às diferenças de gênero. O ambiente escolhido tinha sofá, mesa de centro e algumas cadeiras espalhadas, organizadas de forma aleatória. Ao chegarem, os participantes foram incentivados a “escolher” um lugar, em ambiente que parecia desorganizado – o que gerou desconforto. Mesmo se tratando de uma turma de mestrado, apenas um estudante, do sexo masculino, dentre os presentes, ousou se deixar levar pela curiosidade e tomou a iniciativa de virar e ler as tarjetas que estavam espalhadas no ambiente e continham partes da letra da música. Assim que iniciou a música, fomos pouco a pouco desvirando as tarjetas e colando no ambiente (chão, parede, mesas etc.), terminando por repetir, em diferentes tons de voz, algumas das frases mais significativas e ou outras dizeres espontâneos. Essa vivência foi fundamental, pois forneceu o texto e o contexto deste encontro e das provocações que pretendíamos desenrolar ao longo do semestre, apresentamos alguns trechos:

Senhor cidadão
Eu quero saber, eu quero saber [...]
Com quantos quilos de medo
Se faz uma tradição?

Oh, senhor cidadão
Eu quero saber, eu quero saber
Com quantas mortes no peito
Se faz a seriedade?

Afinal, com quantos quilos de medo se faz uma tradição? Com quantas mortes no peito se faz a seriedade? Como explicita Bourdieu (1996), para compreender a dominação masculina é preciso analisar as estruturas inscritas na objetividade e aquelas que os são na subjetividade, que dizer, nos corpos sob a forma das disposições corporais visíveis na maneira de usar o corpo e nos cérebros, sob forma de princípios de percepção dos corpos dos outros, revelando que as relações de dominação simbólica existem sob formas de divisões objetivas e sob a forma de estruturas mentais que organizam a percepção dessas divisões objetivas (BOURDIEU, 1996, p. 31).

O ambiente de discussões e problematizações da unidade curricular apoiou o grupo a apurar o olhar



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

e as reflexões sobre as relações cotidianas, incorporadas e naturalizadas, o que possibilitou desvendar alguns dos processos de violência simbólica e física que marcam as relações entre os gêneros, e que se ratifica ainda na atualidade por meio das tentativas subjetivas de silenciamentos das narrativas das mulheres, incluindo os saberes que secularmente compõem a sua trajetória. Foi possível identificar e analisar essas situações nas relações de trabalho, inclusive no âmbito da universidade, como exemplos: tentativas de desqualificar falas de mulheres em reuniões, inclusive envolvendo situações com homens em cargos de gestão da universidade, ou, em outro caso, nas dificuldades vivências para realização de atividade de campo envolvendo duas unidades acadêmicas vinculadas ao mestrado – neste caso, houve evidente falta de disponibilidade por parte do outro docente, homem, para construir atividade de campo de forma colaborativa, horizontal e aberta, reproduzindo assim um fazer acadêmico catedrático. Também se agregaram relatos dos discentes ao identificarem situações similares a partir das suas relações de trabalho e relações familiares. Situações que corroboram com o que Lima (2017) que descreve em seu trabalho sobre o poder masculino na esfera da universidade pública.

Reconhecendo que as desigualdades nas relações de gênero, e as violências praticadas contra as mulheres, ultrapassam os limites das identidades das mulheres e dos homens brancos, com isso foi importante revisitar a história da origem do capitalismo a partir da percepção das mulheres, o que nos facilitou Federici (2017), quando nos possibilitou uma revisão histórica sobre a subordinação atual das mulheres e o quanto a desvalorização dos conhecimentos, práticas e dos corpos das mulheres são importantes para o sucesso do capitalismo. Inclusive, em como ampliar a percepção sobre o extermínio das mulheres nos contextos atuais:

Com efeito, a lição política que podemos extrair de Calibã e a Bruxa é que o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo. O capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais — a promessa de liberdade frente à realidade da coação generalizada, e a promessa de prosperidade frente à realidade de penúria generalizada — difamando a “natureza” daqueles a quem explora: mulheres, sujeitos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização. (FEDERICI, 2017, p. 29).

Dentre as provocações propostas por Simone de Beauvoir, na obra *O Segundo Sexo*, está justamente esse processo histórico de desqualificação da natureza feminina e de mulher. Para a feminista, “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o outro” (BEAUVOIR, 2016, p. 13). Assim,

Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

mulher arca com um pesado handicap. [...] Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes expressão concreta. (BEAUVOIR, 2016, p. 17)

Ao discutir sobre igualdade de direitos, Beauvoir (2016, p. 21) provoca: “[...] o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres” e, adiante, ainda problematiza “Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina?” (Idem, p. 26). Essa pergunta, escrita originalmente em 1949, ainda ressoa e apresenta enorme relevância, afinal embora muitas vezes naturalizado, o patriarcado é um produto histórico e social:

[...] processo de instauração do patriarcado teve início no ano 3100 a.C. e só se consolidou no ano 600 a.C. A forte resistência oposta pelas mulheres ao novo regime exigiu que os machos lutassem durante dois milênio e meio para chegar a sua consolidação. Se a contagem for realizada a partir do começo do processo de mudança, pode-se dizer que o patriarcado conta com idade de 5203-4 anos. [...] Trata-se, a rigor, de um recém-nascido em face da idade da humanidade, estimada entre 250 e 300 mil anos. (SAFFIOTI, 2015, p. 63)

Dentre estas e outras leituras, reflexões e debates, o olhar para o espaço rural nos leva a pensar na diversidade de mulheres do campo que, frente ao avanço do modelo capitalista de desenvolvimento rural focado no agronegócio e nos grandes empreendimentos, enfrentam as variadas faces da violência afinal “La violencia sexual y el asesinato de mujeres en el campo son utilizadas como formas de destrucción de las comunidades y como forma de abrir camino a la ofensiva capitalista que ejerce presión sobre los territorios” (CARDOSO et. al. 2014, p. 76).

Na região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, essa realidade se faz sentir seja com o processo histórico de migração dos homens para o corte de cana-de-açúcar e outros trabalhos temporários (como a construção civil), seja pela agressividade que os grandes projetos de desenvolvimento têm justificado a expropriação dos sujeitos do campo e, novamente aqui, as mulheres são as mais impactadas pela já desigualdade estrutural no acesso à terra, às políticas públicas, à assistência técnica, obviamente pela invisibilidade do trabalho feminino no espaço rural em sua dimensão produtiva. Caso exemplar é registrado por Deere (2004, p. 184), ao discutir sobre os direitos da mulher à terra no âmbito da reforma agrária:

A discriminação contra a mulher era tal que os funcionários do INCRA tomaram por certo que mulheres sem marido ou companheiro eram incapazes de administrar uma gleba, a menos que elas tivessem um filho maior, e não era incomum para mulheres que enviuvavam com crianças pequenas, perderem seu direito a permanecer no assentamento de reforma agrária.

Considerando esta realidade, incluindo experiências dos participantes, que debatemos a realização da pesquisa biográfica com mulheres da região. Iniciamos com a sistematização da biografia de Maria Aparecida Alves, conhecida como Cidona, que foi uma mulher negra, assentada da reforma agrária, liderança



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

no Vale do Jequitinhonha e, enquanto viva, uma lutadora, pelos direitos das mulheres, representando e reforçando suas conquistas no Vale. Em reconhecimento ao seu protagonismo político e social, a Comissão Organizadora do IV SINTEGRA criou uma categoria de premiação para pesquisas de inserção regional que levou o nome de Prêmio Maria Aparecida Alves. Frente a essa iniciativa, na unidade curricular, decidimos mobilizar esforços para que, efetivamente, o público participante do evento pudesse conhecer sua trajetória, dar visibilidade às suas lutas, sendo essa premiação um espaço importante para afirmar a luta pelos direitos das mulheres negras e agricultoras. Com a sistematização foi produzido banner sobre a Cidona, sendo o único material visual exposto durante o evento que fazia referência sobre a homenageada no prêmio.

A experiência da sistematização da biografia da Cidona estimulou o exercício de elaboração de outras biografias, ampliando o olhar para o Vale. Assim, foram identificadas mulheres que tinham uma vida profissional pública e outras que refletiam o cotidiano de mulheres camponesas, comparadas suas rotinas entre duas gerações, acrescido a um perfil de mulher com práticas de cura intermediadas por rezas e benzeções. Isto nos faz refletir sobre o caráter silencioso de algumas estratégias de resistência. Dessa forma, foram produzidas cinco biografias de mulheres com perfil de avós, mães, filhas, agricultoras, professora, delegada, benzedeira.

Um das aulas públicas trouxe o tema do feminismo e da agroecologia, tendo como objetivo socializar as discussões problematizadas no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). Leituras sobre o histórico do acúmulo e amadurecimento do debate das relações de gênero no campo agroecológico, implicando o espectro de ação de organizações de assessoria técnica, dos movimentos sociais, incluindo o movimento sindical, tudo isso foi importante para refletirmos sobre as dimensões da afirmativa “Sem Feminismo não há Agroecologia”, resgatando o histórico do acúmulo dessas discussões no contexto do movimento agroecológico. Assim, como fortalecimento do resgate e do reconhecimento do papel das mulheres na história da agricultura, nos aponta para a ressignificação do discurso e da prática patriarcal, ao explicitar a história das mulheres reivindicando o reconhecimento e o respeito ao seu lugar social. Com isso, reforça também a importância política e social do movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres, pela justiça social e pela sustentabilidade. Foi um momento importante de socialização e reflexão também sobre os princípios da agroecologia, considerando que a maior parte dos que participaram da unidade curricular não são atuantes nesse movimento. Conforme bem escreve Cardoso et. al. (2014, p. 73):

!El feminismo es la idea radical de que las mujeres son personas! De la historia de lucha de las mujeres por la igualdad aprendemos que es fundamental que ellas tengan acceso a la propiedad de la tierra y decidan como usarla, que tengan acceso a las semillas, agua y condiciones de producción, y también acceso a la comercialización y que tengan la capacidad de decisión sobre como usar ese dinero.

Outro diálogo com a agroecologia foi possível a partir de observações de algumas discentes que participaram da atividade de campo da unidade curricular de “Agroecologia e Questões Sociais do Campo



Brasileiro⁴” ofertada no mesmo período. A partir dos relatos produzidos pelas discentes, percebem-se diferentes estratégias para incorporar uma prática que valoriza a mulher trabalhadora, esclareça seus direitos e apoie sua inserção no mercado, com alguns desafios no sentido de apoiar o debate sobre a igualdade no trabalho reprodutivo. A partir de alguns relatos, podemos perceber que o campo agroecológico avança no reconhecimento e na valorização das mulheres trabalhadoras rurais e camponesas, mas tem desafios no enfrentamento das estruturas subjetivas de dominação masculina. Afinal, “No hay forma de construir la agroecología con desigualdad de género” (CARDOSO et. al. 2004, p. 79).

Por fim, a experiência se pautou sobretudo nas relações sociais de gênero com ênfase para a realidade das mulheres do campo. Tal fato foi decorrente, em parte, pelas ansiedades e discussões, e o perfil do grupo, em sua maioria composto por mulheres. Registramos a necessidade de avançar na problematização das relações sociais de gênero a partir da discussão sobre os papéis masculinos, atribuídos aos homens, a masculinidade tóxica e as outras sexualidades e identidades – para os “todes” conforme indica Tiburi (2018), pois o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero.

Inspiradas em Guimarães Rosa, no dito que “O mais importante e bonito, no mundo, é isto: que as pessoas *não* estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” encerramos indicando importância de abrir espaços, de criar oportunidades em que os encontros e os indivíduos possam ter possibilidades de fala, de escuta, de exercício solidário, de problematização da realidade. É deveras relevante construir pontes, manter-se em movimento, construir utopias e enfrentar crenças, valores e normas socialmente validadas que destituem os seres de seu real valor. É tempo de enfrentar os medos, de novos paradigmas, de outras relações! Como disse Eduardo Galeano (2015, p. 27-28):

O Pânico do Macho

Na noite mais antiga jaziam juntos, pela primeira vez, a mulher e o homem. Então ele escutou um ruídozinho ameaçante no corpo dela, um ranger de dentes entre suas pernas, e o susto cortou-lhe o abraço. Os machos mais machos tremem até hoje, em qualquer lugar do mundo, quando recordam, sem saber o que recordam, aquele perigo de devoração. E se perguntam, sem saber o que perguntam: será que a mulher continua sendo uma porta de entrada que não tem saída? Será que nela fica quem nela entra?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oferta da unidade curricular foi de fundamental importância para o estreitamento de laços, de relações e de perspectivas para colaboração em atividades de ensino, pesquisa e extensão, sobretudo no âmbito da atuação universitária. Contribuiu para articulação entre os temas das relações sociais de gênero, das violências contra a mulher, do feminismo, da agroecologia, das políticas públicas, dos direitos sociais,

⁴ Essa unidade curricular, de caráter eletivo, é ofertada anualmente no PPGER.



dos processos de silenciamento, etc. Inclui-se aqui a importância da discussão sobre Agroecologia e Feminismo na pós-graduação, de caráter interdisciplinar, e com a efetiva participação de três docentes.

Para os estudantes, conforme relatos avaliativos, representou um momento de reflexão sobre as estruturas objetivas e subjetivas que organizam a sociedade, suas normas e valores, e que estão presentes no fazer científico, seja na construção de problemas de pesquisa, seja na própria execução da pesquisa. Assim, os princípios ético, políticos e teóricos atenderam a intencionalidade de provocar o estranhamento, o movimento de reflexão, de problematização, em diferentes situações e ou escalas.

Por fim, as iniciativas de pesquisa que envolveram a produção das biografias, a participação em um dos principais eventos organizados pela UFVJM e a realização das aulas públicas demonstraram a pertinência de um ensino conectado à realidade, a possibilidades de que o fazer pedagógico amplie seus horizontes para fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BONI, V. Agroindústrias Familiares: uma perspectiva de gênero. In: **Anais do 30º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: ANPOCS, 2006.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
- BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta Julia Marques, MEYER, Dagmar Estermann e WALDOW, Vera Regina (Orgs.). **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CARDOSO, Elisabeth et. al. La construcción de una agenda feminista en la agroecología. **Caderno de Mulheres e Agroecologia**. CONTAG, 2014.
- DEERE, C. D.; LEON, M. *O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- DEERE, Carmen D. Diferenças regionais na reforma agrária brasileira: gênero, direitos à terra e movimentos sociais rurais. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 18, abr. 2002, p. 112-146.
- FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. Cadernos São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1997.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- GALEANO, Eduardo. Espelhos: uma história quase universal. Porto Alegre. RS: L&PM, 2015.
- _____. Mulheres. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- LIMA, Josélia. O poder masculino na esfera da universidade pública. **Revista Universidade e Sociedade**. Ano XXVII. n° 60. Julho de 2017. p. 164 a 171.
- MOREIRA, Renata e RAMALHO, Claudilene da C. Questão de gênero e soberania alimentar: auto-organização de mulheres do MST no estado do Espírito Santo. **Em Pauta** – Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, jan-jun 2013, p. 249-271.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência* - São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.
- TIBURI, Márcia. **Feminismo em Comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.